

## Deleuze, filósofo da comunicação<sup>1</sup>

André Corrêa da Silva de ARAUJO<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo visa discutir a filosofia da comunicação do filósofo francês Gilles Deleuze. Apesar de não figurar como um teórico da comunicação, a obra de Deleuze mostra-se bastante frutífera para pensar um conceito de comunicação que escape dos ditames de uma filosofia da representação tradicional, rejeitando princípios como a identidade, a transcendência e os acordos intersubjetivos. Para isso, **objetivamos a)** trazer a perspectiva de alguns pesquisadores contemporâneos que tratam do pensamento de Gilles Deleuze como uma filosofia da comunicação, **b)** desenvolver os principais pontos de sua crítica à filosofia da representação e **c)** apresentar os contornos de sua ontologia comunicante através de sua teoria do signo, expondo assim o liame estabelecido entre comunicação e semiótica na perspectiva do autor francês.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; Gilles Deleuze; paradoxo; representação, semiótica.

### 1. Introdução

Há, na obra do filósofo francês Gilles Deleuze, uma tensão muito clara com o conceito de comunicação. Ao passo que em sua obra tardia ele não poupa o conceito das mais severas críticas, dispensando à comunicação um papel fundamental na constituição da imagem dogmática do pensamento e de filosofias da identidade e da representação, é bastante evidente como na primeira fase de sua carreira o conceito toma não apenas um contorno positivo como também determinante para o estabelecimento de seu próprio sistema filosófico. A face de Deleuze como um crítico da comunicação é bem conhecida, especialmente a partir de conceitos – cada vez mais utilizados na área – como palavra de ordem e sociedade de controle. Entretanto, sua face como possível “filósofo da comunicação”, que partiria de sua elaboração conceitual acerca da comunicação em sua dimensão mais propositiva, ainda não aparece com o mesmo destaque. Entretanto, ainda que timidamente e mais no campo da filosofia, tal perspectiva vem sendo identificada por um conjunto de pesquisadores e comentadores da obra de Deleuze, tanto no exterior quanto no Brasil, que destacam de forma contundente como a comunicação tem um papel determinante na filosofia do autor.

Nesse artigo, nos propomos como **primeiro objetivo** fazer uma breve revisão bibliográfica de como tem aparecido esse Deleuze filósofo da comunicação a partir de diferentes perspectivas. Essa breve sistematização tem o objetivo de demonstrar alguns contornos iniciais não apenas de sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando no curso de Comunicação no PPGCOM-UFRGS. E-mail: andreसारaujo@gmail.com

---

relevância para a área, mas também de demonstrar como sua filosofia funciona e se contrapõe a uma noção clássica, transcendente, representacionista e identitária da comunicação. Após a apresentação da perspectiva desses autores, como **segundo objetivo** realizaremos um “mergulho” na obra do próprio Deleuze para demonstrar com mais profundidade como se estabelece esse conceito de comunicação, especialmente no entrecruzamento com a crítica que Deleuze realiza da filosofia da representação. Apresentado tal desenvolvimento, como **terceiro objetivo**, constituiremos uma reflexão acerca da ontologia de Deleuze e seu caráter eminentemente comunicante, apontando o quanto se afasta do conceito clássico de comunicação e afirma o paradoxo em detrimento do senso comum, especialmente através do seu conceito de *signo* e de sua *semiótica*.

## 2. Deleuze, filósofo da comunicação?

Em um recente trabalho (2015), o teórico francês Fabien Dumais propõe uma “reversão da comunicação”, tendo como base a obra de Deleuze para repensar um conceito de comunicação do ponto de vista filosófico, focado numa noção imanentista de comunicação em contraponto ao que considera sua imagem clássica de viés transcendente. Dumais destaca que a escolha de Deleuze como o autor capaz de realizar tal empresa não é exatamente óbvia; afinal, dificilmente Deleuze é reconhecido como um teórico específico da comunicação:

A ênfase que queremos colocar na comunicação a partir de Deleuze não é sempre destacada por seus exegetas, pois seu aspecto disjuntivo é sempre colocado à frente em suas interpretações, e é verdade que sob o ponto de vista representacional, a comunicação ontológica é concebida como uma relação conjuntiva, amplamente criticada por Deleuze. (2014, p.39, tradução nossa)

Essa citação de Dumais não demonstra apenas o problema que havíamos indicado inicialmente, como também dá pistas para o modo como Deleuze trata do tema da comunicação. Dumais destaca, de saída, que, para Deleuze, a comunicação se estabelece como uma relação “disjuntiva”. Numa abordagem mais clássica, ou representacional, para Dumais, a comunicação é tomada justamente pelo seu contrário: trata-se da descrição de uma relação conjuntiva, de acordo ou transmissão de um mesmo conteúdo por elementos distintos. Ou seja: há uma ontologia comunicacional aí que se baseia na ideia de conjunção de elementos a partir de uma mesma representação. Se, ao contrário e de acordo com Dumais, a relação comunicacional para Deleuze é disjuntiva, isso implica uma torção no conceito tradicional e, provavelmente, a criação de uma nova ontologia para a comunicação, não-representacionista. Isso leva Dumais a afirmar que “A redefinição da comunicação parece ser uma das grandes criações de Deleuze” (2014, p. 186).

O tom de Dumas acerca da criação de um conceito de comunicação em Deleuze se repete na obra de um dos principais exegetas do filósofo, o também francês François Zourabichvili. Aluno e

---

amigo próximo de Deleuze, Zourabichvili publicou um texto incontornável sobre o autor, no qual o fio condutor são justamente as relações disjuntivas entre diferenças que recebe o nome de comunicação: “Comunicante é uma palavra muito frequente em Deleuze” (2016, p.148), afirma Zourabichvili, como grade de leitura. Para ele, não apenas a palavra é frequente como também a dimensão comunicacional de sua obra é fundamental: “A mais profunda ideia de Deleuze talvez seja precisamente esta: que a diferença é principalmente comunicação, contágio dos heterogêneos; em outros termos, a ideia de que uma divergência nunca explode sem a contaminação recíproca dos pontos de vista” (2016, p. 133).

Sabemos que o conceito de diferença talvez seja o mais fundamental no sistema deleuzeano, e Zourabichvili afirma aqui, categoricamente, que as diferenças são *principalmente* comunicação. Se retoma a ideia das relações disjuntivas, onde os pontos de vista não são reduzidos a uma representação capaz de uni-los, mas são contaminados uns pelos outros justamente através da divergência, do fato de serem diferentes. Não se trata de mediação, em um sentido clássico, mas de uma contaminação recíproca, onde os elementos se implicam uns nos outros, transformando-os. Essa dinâmica permite a Zourabichvili afirmar que Deleuze constitui um sistema que tem por base “essa ontologia evanescente, que só conhece devires, acoplamentos transversais ou desvios mútuos, [que] coincide com a descrição de um campo de experiência liberto da tutela de um sujeito (...), no qual, de direito, tudo comunica com tudo” (2016, p.31)

Uma ontologia que se liberta da tutela de um sujeito e se afirma por si mesma, a partir de relações disjuntivas entre elementos heterogêneos onde, de direito, tudo se comunica com tudo. Eis o caráter comunicacional da ontologia de Deleuze que podemos apreender até o momento. Apesar do hermetismo dessa definição, que esperamos esclarecer mais adiante, cabe destacar também a obra do teórico brasileiro Alessandro de Carvalho Sales no que concerne ao pensamento comunicacional de Deleuze. É Sales quem afirma, de maneira direta que, em Deleuze, estamos diante de uma ontologia que se caracteriza como essencialmente *comunicante*:

Parece-nos que a ontologia complexa de Deleuze está alicerçada em figuras conceituais que não podem deixar de ser caracterizadas como essencialmente *comunicantes*, no sentido que elas almejam circunscrever o vínculo paradoxal entre movimentos e planos heterogêneos, diversos em natureza, porém coexistentes. Se a ontologia em pauta busca produzir diferenças, estas dizem respeito aos fios comunicantes que articulam os planos entre si. (2016, p.227)

De acordo com Sales, é a figura da comunicação que tem a capacidade fundamental de articular os elementos do plano ontológico em Deleuze: sem comunicação, as diferenças se perderiam em uma espécie de solipsismo. Para ele, “o problema da comunicação em Deleuze está colocado no nível profundo dessas relações heterogêneas entre as puras diferenças.” (SALES, 2016, 274), sem que se imponha uma identidade capaz de fazê-las tornarem-se uma mesma coisa, uma

representação de sua diferença apaziguada, ou um conteúdo transmissível. É preciso que haja um dispositivo capaz de criar um vínculo entre as diferenças que as preserve como tal, sendo esse dispositivo a comunicação, que se configura como “a afirmação dessas sínteses disjuntivas, em função das quais o diferente se relaciona com o diferente” (SALES, 2016, 274).

Aqui Sales alude a um dos principais gatilhos conceituais da comunicação em Deleuze: as *sínteses disjuntivas*. Conceito paradoxal por excelência: como pode uma síntese que não seja conjunção, mas disjunção? A própria comunicação tem esse caráter em Deleuze, de paradoxo: algo que aproxima pela distância, que vincula divergências, que cria o distinto pelo distinto. Guardado que essa noção de comunicação é específica e um tanto idiossincrática, fruto de uma verdadeira criação conceitual, Sales destaca que não apenas há uma reflexão acerca da comunicação em Deleuze, mas também há, em potência, uma filosofia da comunicação deleuzeana: “Se assim for, estamos diante de uma filosofia da comunicação, cujas inúmeras consequências caberia expor e atualizar. Seria preciso talvez retomar a palavra comunicação, emprenhá-la com esses sentidos mais nobres e afirmativos.” (2016, p. 228)

O teórico alemão Friederich Balke, em um texto publicado numa revista francesa que homenageava Deleuze um ano após a sua morte, também sintetiza o projeto do filósofo como uma filosofia da comunicação. Para Balke (1996) para além do contraponto a uma ideia consensualista da comunicação que ganhava força nos anos 1980 e 1990 baseada em acordos transcendentais cuja base fundamental seria uma ideia de entendimento entre consciências de viés racionalista, a visão de Deleuze acerca da comunicação privilegiava a emergência de conexões e relações não-previstas, que abdicava de qualquer visada transcendente em nome de um processo de criação a partir da relação. Como o próprio autor afirma,

a filosofia da comunicação que Deleuze desenvolveu retomando alguns conceitos de Espinosa, considera a comunicação como um acontecimento por essência impuro, que produz um *devoir infinito* e *alianças monstruosas*: como uma força capaz de associar o heterogêneo e o discordante em conjunções e conexões surpreendentes. A potência da comunicação reside na abertura de “zonas de vizinhança” que combinam o que não vai ‘normalmente’ junto e cuja conjunção paradoxal torna precisamente possível o novo (1996, s/p.)

Em vez de buscar o consenso e a concordância entre pontos de vista, a ideia de comunicação em Deleuze é o estabelecimento de instâncias paradoxais de conjunção-disjuntiva. A comunicação é o que ocorre quando se junta aquilo que não parece poder ser juntado, uma relação tensa que se estabelece temporariamente. Não se trata de filiação, mas de alianças por vezes monstruosas. A comunicação, entendida de seu ponto de vista ontológico, é responsável por criar tanto as formas estabilizadas com as quais estamos habituados, como também um sem número de conexões virtuais que ora se atualizam como obra de arte ora como monstruosidades. Mesmo as conexões mais naturais, na visão de Deleuze, tiveram sua gênese no mesmo processo: estabelecimento de relações

disjuntivas entre termos heterogêneos. Só achamos que determinadas coisas são mais “aptas” a estarem juntas por pura força do hábito. Do ponto de vista de sua gênese, toda relação é disjuntiva e preserva esse potencial, podendo se desfazer e se refazer a qualquer momento.

Não por acaso Balke retoma a ideia do paradoxo como imagem importante para a comunicação em Deleuze: o paradoxo é justamente o conflito entre perspectivas contraditórias, que não poderiam andar juntas sob o ponto de vista da lógica tradicional. Mas é justamente por estarem juntos, ainda que de maneira mambembe e sem um correlato designativo no estado de coisas, que a aproximação entre divergentes produz novos elementos, novas relações, possibilita o devir e a criação do novo. A imagem do paradoxo se torna fundamental para a perspectiva comunicacional deleuzeana justamente por ser criado *imanentemente*, sem uma relação de semelhança ou identidade designativa com algo “do mundo”, que torna possível, como diz Balke, precisamente o novo.

Vimos até aqui autores que partem de uma análise da obra de Deleuze sob o ponto de vista da questão comunicacional, demonstrando como tal conceito é bem elaborado em sua obra e alguns contornos de sua operacionalidade. Nesse ponto de vista, é relevante destacar o trabalho de Fernando José Fagundes Ribeiro (1996), que dá um passo adiante em relação a isso, perguntando-se quais “as consequências que uma ontologia da diferença acarreta para um pensamento da comunicação” (1996, p.65)? Para Ribeiro é importante não apenas depreender como funciona essa ontologia comunicante, mas também avaliar quais as consequências de tal projeto para o pensamento comunicacional, para além da exegese da obra de Deleuze. Para o autor, a filosofia da comunicação ainda está muito vinculada a dualismos redutores, a uma ideia transcendente *a priori* que privilegia termos capazes de criar uma identidade no processo comunicacional que reduz as diferenças a um Mesmo. Para Ribeiro, a ideia de “comunidade de código” coloca a comunicação como algo que se adéqua a uma unidade anterior às relações que se apresentam no próprio processo, sejam elas o próprio código, a ideia de mensagem, sujeito ou linguagem. Como afirma, o conceito de comunicação de Deleuze permite um pensamento em que:

longe dos limites impostos pelo código, fica relativizado todo esquema conceitual que tencione estabelecer uma partilha rígida e duplamente identitária, entre sujeito e objeto, emissor e destinatário, fala e língua, etc. É o caso pois de nos desfazermos resolutamente de todos esses dualismos, reconsiderando a comunicação sob um novo ângulo, paradoxal se contraposto ao do senso comum, onde a relação entre elementos heterogêneos consistirá na construção de um plano de imanência comum antes que no recurso a uma forma codificante dada *a priori*. (1996, p.65)

Essa citação deixa clara diferença entre o projeto deleuzeano de comunicação e certas abordagens comuns que se apresentam acerca da comunicação. Especialmente no que diz respeito ao elemento que seria a “ponte”, “canal”, “suporte” entre duas instâncias comunicantes, sempre anterior ao processo, como numa concepção de mediação clássica. Seria preciso haver algo anterior ao processo comunicacional capaz de estabelecer a relação entre os termos, como, por exemplo, a

---

linguagem, um meio, a cultura, etc. Para Ribeiro, o pensamento de Deleuze acaba com a necessidade dessa mediação de um terceiro *a priori*, um terceiro que intervém no meio das duas unidades pré-estabelecidas e se baseia na criação imanente de um plano criado a partir da ressonância entre as diferenças. O “comum” da comunicação, se é que podemos ainda aludir a algo assim, não é anterior, mas *efeito* da relação entre termos heterogêneos.

Até aqui, citamos alguns pesquisadores que colocam o problema da comunicação no centro de sua leitura da obra de Deleuze. Podemos depreender que esse conceito baseia-se em uma relação disjuntiva de comunicação de diferenças, que operam uma contaminação recíproca entre elas. Se trata, de fato, de uma posição ontológica para a comunicação, que é capaz de estabelecer vínculos paradoxais sob a forma de sínteses disjuntivas, proporcionando conexões surpreendentes a partir da instauração de novas relações; e que tais relações abdicam de uma unidade identitária anterior, sendo elas produzidas como efeito do processo comunicacional. Ainda poderíamos citar outros pesquisadores, como Anne Sauvagnargues, Brian Massumi e David Lapoujade, que comentam o caráter comunicacional da obra de Deleuze de forma pontual, mas cremos que esse panorama já nos dá substrato para entrever os contornos desse conceito.

Mas ainda não adentramos de fato na filosofia de Deleuze, e cabe agora acompanhar a obra do autor para termos um mapa do modo como opera sua filosofia na construção desse conceito de comunicação.

### **3. A filosofia da comunicação de Deleuze como crítica da representação**

Como havíamos dito, Deleuze não é tratado como um teórico da comunicação, apesar dos esforços de certos pesquisadores em demonstrar a relevância do conceito em sua obra. Esse fato talvez se explique pelas duras críticas elaboradas por ele à comunicação enquanto conceito na fase mais tardia de sua obra. Tanto em seu derradeiro livro escrito em parceria com Félix Guattari, quanto em entrevistas e conferências diversas dadas pelo filósofo à época, Deleuze não poupa a comunicação de comentários devastadores, como o seguinte, do livro *O Que É A Filosofia*, publicado em 1990: “a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, para criar o ‘consenso’ e não o conceito” (DELEUZE E GUATTARI, 2009, p.14).

Mas é preciso refinar um pouco essa perspectiva do pensamento deleuzeano sobre a comunicação, especialmente no que chamamos a sua fase “crítica”, a partir dos anos 1980. Quando Deleuze e Guattari referem a comunicação, nesse conceito restrito e redutor, eles estão efetivamente se referindo a um tipo de *filosofia* da comunicação que elabora seus conceitos vinculados a um pensamento representacional, clássico. Como vemos nessa citação - “a filosofia da comunicação se



esgota na procura de uma opinião universal liberal como consenso, sob o qual encontramos as percepções e afecções cínicas do capitalista em pessoa” (DELEUZE e GUATTARI, 2009, p.190) -, é a *um tipo de abordagem* acerca da comunicação que eles estão se referindo, uma filosofia específica, e não ao conceito como tal.

No início dos anos 1990, Deleuze concede uma entrevista na qual o tema da comunicação é levantado. O entrevistador refere a figura de Habermas, como um articulador de uma teoria da comunicação baseada na ideia da opinião e do consenso. É preciso ver que nesse contexto a filosofia de Habermas já se tornava bastante difundida, especialmente no que se refere a ideias de um possível consenso democrático alcançado através de uma racionalidade comunicativa. Responde o autor:

Não, não atacamos particularmente Habermas, nem ninguém mais. Habermas não é o único a querer indexar a filosofia na comunicação. Primeiramente, a filosofia se pensou como contemplação e isso deu lugar a obras esplêndidas, por exemplo com Plotino. Depois, como reflexão, com Kant. Justamente, porém, primeiro foi preciso, nos dois casos, criar um conceito de contemplação ou de reflexão. *Não estamos seguros de que a comunicação tenha, por sua vez, encontrado um bom conceito, isto é, um conceito realmente crítico.* Não é o “consenso”, não são nem as “regras” de uma conversa democrática, à maneira de Rorty, que bastam para formar um conceito. (DELEUZE, 2016, p.402, grifo nosso)

Deleuze refere aqui a falta do estabelecimento de um conceito crítico de comunicação. Podemos perceber isso claramente em uma citação de 1984 em uma conferência, quando Deleuze define a comunicação de uma maneira profundamente clássica: “a comunicação é a transmissão e a propagação de uma informação” (2016, p.339). Nessa fase de sua carreira, poderíamos interpretar que Deleuze apenas abandonou o campo de batalha para constituir um conceito de comunicação que havia disputado nos anos 1960 e agora a entende em seu sentido meramente representacional e transmissivo. Mas, essa entrevista nos dá substratos para pensar para além de uma dispensa do conceito e uma porta de entrada para pensá-lo para além da perspectiva representacional e clássica, de que Deleuze não estava plenamente satisfeito em apenas acusar a comunicação. Como bem sabemos, para Deleuze a tarefa da filosofia é a criação de conceitos, e ele identifica que é preciso criticar as abordagens da comunicação que observava (essa crítica a Habermas e Rorty, por exemplo) mas também fazer mais que isso: é preciso *criar* um conceito crítico de comunicação. Mas o que seria um conceito crítico para Deleuze<sup>3</sup>?

O projeto de um dos seus principais livros, *Diferença e Repetição* (2009), publicado em 1969, era, dentre outros, elaborar uma crítica da filosofia da representação. Esse é um dos percursos

---

<sup>3</sup> É preciso discutir um ponto aqui: afirmamos que Deleuze, a partir dos anos 1970, começa a tecer críticas à comunicação, ao passo que em seus escritos dos anos 1960 ele assume uma posição positiva e propositiva acerca do conceito. O que se passou nesse período para testemunharmos uma guinada tão grande de perspectiva? Podemos apenas especular a esse respeito. Mas, para além dessa guinada, cabe destacar que entendemos que Deleuze não abandona o conceito de comunicação dos anos 1960, apesar das críticas que faz à comunicação. Nossa hipótese é de que a lógica daquilo a que Deleuze chama de comunicação prossegue em sua obra, apenas assume outro nome: pragmática. Ao termo comunicação ele dispõe o tratamento meramente *representacional*, por isso mesmo alvo de crítica. Mas a lógica comunicacional tal como exposta em seus livros dos anos 1960 se repete (com diferença) em conceitos como

---

do livro: elaborar um pensamento crítico capaz de dar conta não apenas de abalar os pressupostos implícitos da filosofia da representação, mas também erigir uma alternativa a ela. Nos termos de Deleuze, não se trata apenas de acusar uma Imagem do Pensamento, mas de esforçar-se para erigir uma Nova Imagem. Deleuze, nesse livro, vai trabalhar inicialmente com dois conceitos que, em sua visão, se viam presos pelas garras da representação: justamente a diferença e a repetição. Sem adentrarmos nos meandros dessa elaboração conceitual por ora, o que Deleuze realiza é uma criação conceitual que tira diferença e repetição do pensamento da representação e os coloca em um outro espaço. Tais conceitos, pensados não-representacionalmente, funcionam como ferramentas de crítica para outros conceitos da filosofia da representação. Como afirma o autor, “queremos pensar a diferença em si mesma e a relação do diferente com o diferente, independentemente das formas da representação que as conduzem ao Mesmo” (DELEUZE, 2009, p.8).

Entendemos que esse processo efetuado com os conceitos de diferença e de repetição sejam operações de criação de um *conceito crítico*. Ou seja, seria possível pensar dessa mesma forma com o conceito de comunicação? Seria um conceito crítico de comunicação um conceito pensado fora das amarras da representação ao mesmo tempo que capaz de realizar uma crítica da comunicação representacional? Chegamos aqui à questão das duas comunicações: há uma comunicação mais superficial, do mundo da representação, que se expressa através de acordos, mensagens, consensos, opiniões, meios, etc, comunicação essa a que Deleuze furiosamente critica partir dos anos 1980. E haveria, mais inicialmente em sua obra, uma segunda comunicação, mais abstrata talvez, mais ontológica, que habitaria o mesmo plano conceitual da diferença e da repetição, num plano de imanência pré-pessoal e pré-individual, uma comunicação que estaria à parte dos processos de representação.

Mas antes de tratarmos do modo como Deleuze entende essa comunicação, é preciso desenvolver a maneira muito específica a que Deleuze se refere ao conceito de representação. Para Deleuze, a representação clássica diz respeito a uma interiorização do objeto no sujeito através de um conceito mental: “Chama-se representação a relação entre o conceito e seu objeto, tal como se encontra efetuada nesta consciência de si.” (2009, p.20). É o processo que filosofia moderna utilizou para dar conta da relação entre o humano e o mundo. Nosso acesso à realidade só poderia ser possibilitado através da mediação da consciência de um sujeito bem formado, reduzindo aquilo que é exterior – o objeto, o mundo, o estranho – a categorias familiares e codificadas. É uma

---

rizoma, agenciamento, platô e máquinas. O que nos dá substrato para afirmar essa “continuidade variante” (para ficarmos no universo dos paradoxos) é que se Deleuze abandona o termo comunicação, ele não abandona o seu correlato fundamental, que é a teoria do signo. Nesse artigo não desenvolvemos a relação íntima e imanente entre sua filosofia da comunicação e sua teoria semiótica, mas tal relação foi desenvolvida nesse mesmo congresso em sua edição passada, cujo resultado se encontra nos anais nesse endereço: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1597-1.pdf>. A teoria semiótica de Deleuze segue se desenvolvendo ao longo dos anos 1970 e 1980 e desemboca nos conceitos próprios do que sistematizou como sua pragmática. O signo, ou o fio semiótico, é o que conduz nossa hipótese e nos permite afirmar que, apesar das críticas ao termo comunicação, sua filosofia segue sendo profundamente comunicacional.



---

concepção idealista e racionalista, dado que a representação opera como uma cópia mental do objeto no sujeito enquanto conceito a partir de suas próprias categorias.

A questão crítica para Deleuze é que o pensamento da representação baseia-se fundamentalmente em um conceito de identidade, como afirma: “O primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida, define o mundo da representação” (DELEUZE, 2009, p.8). A representação opera criando equivalências entre objetos distintos visando a possibilidade de reconhecer algo como algo, A como A e como não-B: não apenas essa mesa, mas uma mesa, uma maçã, uma pessoa. Para Deleuze, “o que se censura à representação é permanecer na forma da identidade sob a dupla relação da coisa vista e do sujeito que vê”. (2009, p.73), como se o objeto permanecesse o mesmo eternamente, inerte, assim como o sujeito, transcendental.

O modelo da filosofia da representação é o modelo da reconhecimento, que diz respeito ao mecanismo pelo qual uma subjetividade transcendente ou uma consciência tem de reduzir um encontro com algum objeto do mundo a um reconhecimento, a um conhecido codificado. Como diz Deleuze, “Com efeito, existe um modelo: o da reconhecimento. A reconhecimento se define pelo exercício concordante das faculdades sobre um objeto suposto como sendo o mesmo” (2009, 184). Ainda que diferentes faculdades apreendam os objetos de distintas maneiras (de forma sensível, memorial, imaginável), todas elas concordam entre si acerca da identidade do objeto. Há um princípio do Mesmo que se força sobre a subjetividade e faz com que um acordo se estabeleça: concordamos que, de fato, trata-se de uma maçã, eterna e a mesma.

Ainda mais que a representação para uma única consciência qualquer, é preciso que a consciência funcione para todos da mesma forma, que haja um processo de representação semelhante e coletivo para todos os sujeitos. A criação do sujeito transcendental coincide com a ideia de que “todos somos iguais sob a mesma lei”, não importando as condições múltiplas e concretas que cada pessoa possa vir a ter. É a imposição de um senso comum, que Deleuze vai ironicamente dizer ser a base da filosofia e protagonista oculto da filosofia até Descartes e Kant:

Simultaneamente, a reconhecimento exige, pois, o princípio subjetivo da colaboração das faculdades para ‘todo mundo’, isto é, um senso comum como *concordia facultatum*; e, para o filósofo, a forma da identidade do objeto exige um fundamento na unidade de um sujeito pensante do qual todas as outras faculdades devem ser modos. É este o sentido do Cogito como começo: ele expressa a unidade de todas as faculdades no sujeito; expressa pois a possibilidade de todas as faculdades se referirem a uma forma de objeto que reflita a unidade subjetiva; ele dá, assim, um conceito filosófico ao pressuposto do senso comum, ele é o senso comum tornado filosófico. Em Kant, assim como em Descartes, é a identidade do Eu no Eu penso que funda a concordância de todas as faculdades e seu acordo na forma de um objeto suposto como sendo o Mesmo. (2009, p.185)

O princípio do Mesmo, ou o princípio da identidade, é o que mantém o sistema funcionando, pois é através da correspondência com um Mesmo que se avalia a validade de uma dada representação. Não é por acaso que tal esquema da filosofia representacional tem um certo conceito

---

de comunicação como princípio fundamental. Se retomamos a citação da entrevista que discutimos acima, vemos que Deleuze elabora uma espécie de processo da representação: há a reflexão que se refere à introjeção do objeto no sujeito chamada por Deleuze de idealismo objetivo; há a reflexão que se refere às condições do sujeito enquanto consciência transcendente pelo qual elabora uma ideia do objeto dentro de si (idealismo subjetivo); e há um terceiro ponto que é a comunicação, o princípio do senso comum, que garante que tais representações sejam idênticas e partilháveis dado que os sujeitos são idênticos (idealismo intersubjetivo). O que garante tanto o sistema da representação quanto o da comunicação nessa perspectiva não é mais que o senso comum:

Deste ponto de vista, o senso comum aparece, não como um dado psicológico, mas como a condição subjetiva de toda a «comunicabilidade». O conhecimento implica um senso comum, sem o qual não seria comunicável e não poderia aspirar à universalidade. (DELEUZE, 2009. p.63)

Vemos aqui então como há um conceito de comunicação atrelado diretamente a uma filosofia da representação: diz respeito à transmissão de conteúdos mentais que, se feita de maneira correta, provocará um acordo entre todos os sujeitos racionais acerca de sua validade. Seja através de uma conversa, seja através dos meios de comunicação, seja através da cultura, há sempre um “conteúdo” que deve ser mais ou menos adequado a partir de um dado canal. O conteúdo não é mais que essa duplicação do mundo dos objetos realizada pela consciência de um sujeito transcendental. O princípio da identidade se mantém e é reforçado: todos os sujeitos são iguais, produzem representações da mesma forma, e por esse princípio podem transmitir essas representações que serão compreendidas como a mesma a partir do senso comum. De certa forma, há aqui uma transcendência fundamental na ideia de comunicação: trata-se de fazer aquilo que é distinto, heterogêneo, alcançar uma relação identitária a partir de uma unidade previamente dada, fazer transmitir o diferente a partir de um Mesmo. Como afirma Dumas,

Desse ponto de vista, a comunicação como ação consiste em excluir a diferença, o múltiplo que mascara a identidade do Um, enquanto que a comunicação como resultado é o sucesso do processo de excluir diferenças ou múltiplos em favor da contemplação de uma forma abstrata e universal. (DUMAS, 2014, p. 65)

Ora, mas quais são os motivos pelos quais Deleuze quer criticar a filosofia da representação, a identidade, o Mesmo? Para Deleuze a identidade não é mais que um princípio transcendente, uma forma “caída do céu” capaz de criar uma estabilidade temporária para um conceito. É um “bloqueador” do movimento do mundo, pois não se discute como o princípio da identidade veio a ser e faz com que a multiplicidade da realidade se submeta a ele. “A representação deixa escapar o mundo afirmado da diferença. A representação tem apenas um centro, uma perspectiva única e fugidia e, portanto, uma falsa profundidade; ela mediatiza tudo, mas não mobiliza nem move nada.” (2009, p.62). A elaboração do esquema regrado da representação toma aquilo que o escapa e o submete sob o seu princípio, subordinando o múltiplo às exigências do conceito elaborado pela

consciência do sujeito. A questão é que o processo da representação enquanto regra foi inventado em um determinado momento da história, por agenciamentos concretos inseridos em contextos políticos. Tomar aquilo que é da ordem de uma criação conceitual para explicar determinada relação e tornar tal conceito Universal, como se fosse anterior à sua própria elaboração, é a lógica que subjaz à representação e também à sua operação fundamental.

O processo da representação e seu princípio identitário como pressuposto necessariamente leva a uma hierarquização: o idêntico é bom, o diferente é excluído. Da mesma forma, aquilo que é do mundo, do movimento, do múltiplo, do concreto, acaba sendo excluído em nome da pureza de um conceito mental, uma duplicação imaterial e purificada da realidade pelo sujeito. A representação é a transformação ou submissão do mundano a uma forma transcendente. E Deleuze quer, de certa forma, liberar o pensamento de toda e qualquer transcendência. Não apenas o pensamento, mas a constituição do mundo como tal: produzir um sistema plenamente imanente, livre das amarras das transcendências e hierarquias, que baseie-se no próprio movimento do mundo. É a partir de um sistema que se contrapõe ao mundo da representação – ou melhor, explica a gênese do mundo da representação que invariavelmente habitamos na experiência – que Deleuze vai posicionar a diferença como conceito fundamental, constituindo assim um sistema diferencial.

#### **4. Filosofia da Comunicação: o paradoxo contra o senso comum**

Deleuze não nega que habitamos, de fato, na experiência, o mundo da representação. Mas habitá-lo não quer dizer que ele seja o mundo como tal. Dessa forma, para erigir um sistema livre de transcendências, Deleuze vai tentar constituir um campo subrepresentativo, que dê conta de como as coisas se autoproduzem, onde elas ainda não sejam “objetos”, não possuam um caráter individual bem definido, ainda não possuam identidade ou qualidades fixas. Ou seja, um campo habitado plenamente por *diferenças*. Porém, não se trata de uma espécie de caldo primordial cronologicamente anterior à formação desse mundo. É um campo lógico, que dá conta de explicar não apenas que o mundo da representação não é o ponto final da realidade, mas um mundo em vir a ser. Para Deleuze, no mundo da representação as coisas já estão dadas, e ele se preocupa de fato em *como o dado é dado*. Esse campo, que recebe diversos nomes ao longo da obra de Deleuze – plano de imanência, plano de consistência, campo problemático, campo de individuação – é habitado apenas por diferenças: velocidades, intensidades, singularidades pré-pessoais, pré-individuais e pré-subjetivas. É desse campo que surgirão as coisas tais como as conhecemos, tais como as experimentamos como coisas, com extensão, qualidade, duração:

Ainda que a experiência nos coloque sempre na presença de intensidades já desenvolvidas em extensos, já recobertas por qualidades, devemos conceber, precisamente como condição da

---

experiência, intensidades puras envolvidas numa profundidade, num spatium intensivo que preexiste a toda qualidade assim como a todo extenso (2006, p.132).

Aqui vemos como o conceito de diferença se coloca em contrapartida ao de representação: existem apenas diferenças, até mesmo uma única e unívoca diferença, que imanentemente individua as intensidades e as singularidades em qualidades e extensões, em coisas e objetos, seres e sujeitos. Para Deleuze, no mundo da representação pouca coisa acontece, tudo já se passou. A gênese do mundo está no modo como as diferenças se relacionam, de que forma elas entram em contato para produzir o mundo. É aqui que entra a figura da comunicação: o modo pelo qual essas diferenças se relacionam, entram em contato e formam um determinado dinamismo, com qualidade e extensão, é a partir da comunicação dessas séries de diferenças. Diz Deleuze:

Sendo a intensidade diferença, é preciso ainda que as diferenças de intensidade entrem em comunicação. É preciso como que um ‘diferenciador’ da diferença, que reporta o diferente ao diferente. Cabe esse papel ao que denominamos precursor sombrio. O raio fulgura entre intensidades diferentes mas é precedido por um precursor sombrio, invisível, insensível, que de antemão lhe determina o caminho invertido e escavado, porque o precursor é, primeiramente, o agente de comunicação dessas séries de diferenças. Se é verdade que todo sistema é um campo intensivo de individuação construído sobre séries heterogêneas ou disparatadas, a comunicação das séries, levada a cabo sob a ação do precursor sombrio, induz fenômenos de acoplamento entre as séries, de ressonância interna no sistema, de movimento forçado sob a forma de uma amplitude que transborda as próprias séries de base. É sob todas essas condições que um sistema preenche-se de qualidades e se desenvolve em extensão, pois uma qualidade é sempre um signo ou um acontecimento que sai das profundezas, que fulgura entre intensidades diferentes e que dura todo o tempo necessário para a anulação de sua diferença constitutiva. (2006, p.132-133).

A comunicação aqui aparece como o dispositivo capaz de fazer com que as diferenças entrem em relação nesse campo problemático. Essa relação de diferença com diferença, ou diferença em segundo grau, é o dispositivo pelo qual as coisas ou objetos vêm a aparecer como constituídos no mundo da representação. O que Deleuze está dizendo aqui é: não há uma identidade fundamental em um objeto; o objeto é apenas o efeito da comunicação de diferenças. Em suas próprias palavras, “Basta, contudo, que a disparidade constituinte seja julgada nela mesma, não se prejudique a partir de nenhuma identidade preliminar e tenha o díspar como unidade de medida e de comunicação. Então, a semelhança não pode ser pensada senão como o produto dessa diferença interna” (2011, p. 254). A disparidade refere-se justamente ao fato de que não há um “comum” que aplaque a diferença entre as diferenças: elas mantêm-se diferentes apenas acopladas em uma unidade ou indivíduo temporário<sup>4</sup>. A individuação é o que Deleuze chama de ato capaz de tornar esses compostos de diferenças algo a que nos habituamos de chamar na experiência de “coisas do mundo”: “A individuação surge como o ato de solução de um tal problema ou, o que dá na mesma, como a atualização do potencial e o estabelecimento de comunicação entre os disparates” (2009, p. 135)

---

<sup>4</sup> O conceito de individuação é proveniente da obra de Gilbert Simondon, talvez um dos autores que mais influenciou Deleuze na elaboração de um conceito de comunicação.

---

Não se trata aqui de criar um termo capaz de unificar ou fundir as diferenças, mas de fazê-las ressoarem umas nas outras, contaminando-se reciprocamente. O objeto, a identidade, a representação é posterior, efeito secundário de um processo mais profundo que dá origem ao mundo, e tal processo é baseado ontologicamente na comunicação. Para Deleuze, a comunicação não tem a ver exclusivamente com o compartilhamento de consciências, com a troca de mensagens, com opiniões, etc. A comunicação tem uma dimensão ontológica, que tem por função justamente aproximar as séries de diferenças na formação das coisas do mundo e suas representações. O precursor sombrio é esse agente que garante a comunicação entre as séries heterogêneas. É o precursor sombrio capaz de aproximar as divergências, não para suprimi-las em nome de uma identidade, mas para uni-las através da separação. O modo como as diferenças se articulam umas nas outras, mantendo seu caráter diferencial, é através de um termo, um elemento paradoxal capaz de aplacar temporariamente a sua disparidade fundamental ao mesmo tempo em que a preserva, apenas aguardando uma nova conexão para fazê-la variar mais uma vez. É a essa instância profundamente *paradoxal*, uma aproximação pela distância, uma síntese pela disjunção, que Deleuze denomina comunicação em *Diferença e Repetição* (2009): a operação divergente realizada pelo precursor sombrio: “Basta o precursor sombrio, que faz com que o diferente como tal se comunique e o faz comunicar-se com a diferença: o sombrio precursor não é um amigo” (DELEUZE, 2009, p.240). Importante também destacar como Deleuze se distancia de um conceito de mediação: o sistema comunica as séries divergentes a partir de um acoplamento, uma ressonância interna que produz um movimento em todo o sistema. Não há um intermediário no sentido clássico, que se colocaria entre as séries para fazê-las comunicarem sob uma forma identitária anterior, mas um agente que força sua aproximação ao mesmo tempo em que mantém a divergência constitutiva intacta. É muito mais um *encontro* corpo a corpo que uma interação através de um terceiro.

Vemos como este conceito de comunicação está longe do senso comum: não se trata de uma amizade entre as faculdades do sujeito, um acordo acerca do objeto, ou uma possibilidade de transmissão de conteúdos representacionais. A comunicação trata dos encontros violentos entre diferenças que darão a ver objetos e signos. Mas esse campo problemático não habita um espaço exterior, longínquo: ele é o aqui e agora, o próprio *Erewhon* de Deleuze. As coisas não são fixas, elas estão em contínuo processo de se fazerem, em constante transformação. Estão continuamente *se comunicando* umas com as outras e tornado-se *outras* em relação a si mesmas. Por isso é importante retomar algumas definições expostas acima, quando ainda não havíamos apresentado os fundamentos ontológicos da filosofia da comunicação de Deleuze. Definimos temporariamente a comunicação como uma ontologia que se liberta da tutela de um sujeito e se afirma por ela própria,

---

a partir de relações disjuntivas entre elementos heterogêneos onde, de direito, tudo se comunica com tudo. Cremos que tal definição esteja mais clara nesse ponto, onde observamos que a comunicação é o dispositivo responsável por criar cada vez mais conexões entre heterogêneos que dão vazão à criação de cada vez mais elementos.

O abalo sofrido pelo senso comum diz respeito ao fato de que não há uma instância reguladora anterior para a constituição das relações, apenas posterior. O “conteúdo” de uma dada mensagem não se avalia de acordo com a sua correspondência designativa a um determinado estado de coisas a qual ela se refere. Pelo contrário, é o resultado da comunicação que produz um plano de imanência comum entre heterogêneos ou coisas que não deveriam estar juntas. É por isso que o *paradoxo* é a imagem da comunicação para Deleuze, em contraponto ao senso comum. Os conceitos privilegiados por Deleuze, especialmente aqueles para designar o processo de relação das diferenças com as diferenças, tem uma dimensão paradoxal: sínteses disjuntivas, acordos discordantes, empirismo transcendental. Essas expressões são contraditórias entre si, são oximoros se entendidos sob o viés da lógica e do senso comum: não podem existir enquanto estados de coisas. Entretanto, existem enquanto *signo*, pois é o signo o resultado do choque entre diferentes perspectivas. De acordo com Deleuze, “O signo é um efeito, mas o efeito tem dois aspectos: um pelo qual, enquanto signo, ele exprime a dissimetria produtora; o outro, pelo qual ele tende a anulá-la.” (2009, p.28). O signo é o efeito do processo de comunicação entre séries disparatadas que criam conexões que se contrapõem ao senso comum comunicável. Apesar de todas as coisas se constituírem do mesmo modo, a partir da comunicação de diferenças, é no paradoxo que tal processo se torna evidente pois, ao produzir um efeito de estranhamento, ele deixa clara a conexão disjuntiva entre os heterogêneos.

Se numa acepção tradicional a comunicação é baseada na partilha de conceitos e conteúdos elaborados por um senso comum, em Deleuze a comunicação é o dispositivo pelo qual o paradoxo pode vir a se constituir como *desafio* ao senso comum. Como afirmou Deleuze, é preciso constituir uma “uma obstinação da filosofia que só teria como aliado o paradoxo, devendo renunciar à forma da representação assim como ao elemento do senso comum” (DELEUZE, 2009, p.184). Acrescentaríamos, sob nossa responsabilidade, que essa poderia ser também a obstinação não apenas da filosofia, mas também da filosofia da comunicação.

## 5. Considerações Finais

Tentamos estabelecer até aqui algumas linhas que julgamos relevantes para discutir uma filosofia da comunicação baseada na obra de Gilles Deleuze. Como principal achado, se fomos efetivos na argumentação, deveria aparecer como tal proposta comunicacional – ontológica,



disjuntiva, paradoxal – tem a potência de recolocar o problema acerca da comunicação, levando suas dimensões de pesquisa para outros universos não tão privilegiados na pesquisa do campo. Mais do que observar os processos comunicacionais que ocorrem no mundo da representação - que existem e têm suas potências e validades, tal como a tradição de pesquisa no campo da comunicação demonstra – poderíamos também reconhecer os arranjos que ocorrem em espaços de criação de novos elementos paradoxais. A filosofia da comunicação de Deleuze implica um tipo de pensamento que persegue os fios comunicantes que ligam planos heterogêneos e os fazem criar consistência no signo justamente através de sua disjunção. Talvez seja o caso de abordar fenômenos não usuais do campo da comunicação sob essa perspectiva, encará-los como signo e perseguir os arranjos que os tornam um objeto paradoxal. Há uma epistemologia e uma pragmática ao lado dessa ontologia comunicacional, que recoloca a própria constituição dos objetos teóricos a serem construídos pela pesquisa. Não podemos deixar de lembrar da relação paradoxal, aludida por Deleuze, entre a vespa e orquídea: comunicam-se por divergência – animal e planta, que não deixam de sê-lo – mas entram em um arranjo temporário onde a vespa por alimentar-se do pólen da orquídea, acaba dando asas a flor que estava condenada à sua imobilidade, espalhando suas sementes pelo mundo. Há um arranjo comunicacional aqui, onde as diferenças entre vespa e orquídea se acoplam e ressoam num signo – vespídea, talvez? - capaz de refazer, temporariamente, os elementos que até então se viam incompatíveis. Tais objetos, tais relações, tais paradoxos, nos parecem ser o termo privilegiado para uma filosofia da comunicação que tentamos expor até aqui.

## REFERÊNCIAS

- BALKE, Friederic. **Sur la non-reception de Gilles Deleuze em Alemanha**. In: Magazine Littéraire, Dossier Gilles Deleuze, n. 257. Paris, 1996
- DELEUZE, Gilles. **A filosofia crítica de Kant**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O Que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Graal, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Dois Regimes de Loucos**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O Que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2009.
- DUMAS, Fabien. **Le Renversement de la Communication**. Quebec: Fabien Dumas, 2014.
- RIBEIRO, Fernando José Fagundes. **A Comunicação Extra-Código**. Tese de Doutorado, UFRJ, 1996.
- SALES, Alessandro Carvalho. **Deleuze: Pensamento e Acordo Discordante**. São Carlos: EDUFSCAR, 2016.
- ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: Filosofia do Acontecimento**. São Paulo: Editora 34, 2016.